



A MARCHA DE RADETZKY

*Título original:* Radetzkyarsch

*Autor:* Joseph Roth

*Apresentação:* Stefan Sweig

*Tradução:* Maria Adélia Silva Melo

*Tradução da apresentação:* J. Espadeiro Martins

*Revisão:* João Ferreira

*Colecção:* Escola de Letras

© Nova Vega, 1.<sup>a</sup> edição (2017)



170940100001800020017

*Direitos reservados em língua portuguesa por:*

Nova Vega, Lda

Apartado 4352 – 1503-003 Lisboa

info@novavega.pt

www.novavega.pt

*Sem autorização expressa do editor não é permitida a reprodução parcial ou total desta obra desde que tal reprodução não decorra das finalidades específicas da divulgação e da crítica.*

*Editor:* Assírio Bacelar

*Capa:* Paulo Bacelar

*Imagens da capa:* pormenor da “Batalha de Solferino” (1859), de Carlo Bossoli e retrato de um oficial do Império Austro-Húngaro, Stephan Mayerhoffer von Vedropolje (1908), de Lino Vesco

*Paginação:* Victor Batista

ISBN: 978-989-750-075-6

*Depósito legal n.º* 434186/17

*Impressão e acabamento:* Artipol – Artes Tipográficas, Lda.

Joseph Roth

# A MARCHA DE RADETZKY



*Tradução de*  
Maria Adélia Silva Melo

**vega**

## **PRIMEIRA PARTE**



## CAPÍTULO I

Os Trottas eram uma linhagem recente. O avô tinha recebido o título depois da batalha de Solferino. Era esloveno. Sipolje — o nome da aldeia donde era oriundo — passou a ser o seu título nobiliárquico. O destino tinha-o escolhido para uma acção especial, mas ele esforçou-se para que os tempos futuros o perdessem de memória.

Na batalha de Solferino ele comandava um pelotão na sua qualidade de tenente. Há meia-hora que se batalhava. A três passos à sua frente via as costas brancas dos seus soldados. A primeira fila do pelotão estava de joelhos, a segunda, de pé. Todos estavam serenos e confiantes na vitória. Tinham comido muito bem e bebido aguardente à custa e em honra do Imperador, que desde ontem estava no campo de batalha. Aqui e ali um soldado tombava na fileira. Trotta saltava de imediato para essas brechas e fazia fogo com as armas abandonadas dos mortos e dos feridos. Ora cerrava a fileira rala, ora a estendia espiando com mil olhos em muitas direcções, escutando com ouvido atento em muitas direcções. No meio do fragor da batalha, apanhava o seu ouvido ágil as poucas ordens claras do capitão. Os seus olhos penetrantes atravessavam a neblina de um cinzento nublado em frente das linhas do inimigo. Nunca atirava sem fazer a mira e não falhava um tiro. Os soldados sentiam-lhe a mão e o olhar, ouviam-no chamar e sentiam-se seguros.

O inimigo fez uma pausa. Pela linha da frente, longa a não a se ver o fim, soou a ordem: «Cessar-fogo!» Soou ainda aqui e ali uma vareta, estalou ainda aqui e ali um tiro tardio e isolado. A neblina de um cinzento-azulado entre as duas frentes atenuou-se um pouco. De repente estava-se ao calor do meio-dia de um sol tempestuoso, encoberto, prateado. Apareceu então entre o tenente e as costas dos soldados o Imperador, acompanhado por dois oficiais do Estado-Maior. Ele queria justamente levar aos olhos um binóculo que um dos seus acompanhantes lhe entregou. Trotta sabia o que isso significava: mesmo que se admitisse que o inimigo estivesse em retirada, a sua retaguarda achava-se decerto virada para os austríacos, e quem levantasse um binóculo dava-lhe a conhecer

que era um alvo em que valeria a pena acertar. E esse alvo era o jovem Imperador. Trotta sentiu o coração bater violentamente. O medo da catástrofe impensável, ilimitada, que o iria aniquilar, que iria aniquilar o batalhão, o Exército, o Estado, o mundo inteiro, provocou-lhe calafrios que lhe queimavam o corpo. Os joelhos tremiam-lhe. E o eterno rancor que o oficial da frente, subalterno, nutre pelos grandes senhores do Estado-Maior, que não faziam a mais pequena ideia da amarga realidade, ditou ao tenente aquela acção, que gravou para sempre o seu nome na história do seu regimento. Com ambas as mãos, pegou nos ombros do monarca para o obrigar a baixar-se. O tenente, de facto, agarrou-o com demasiada força. O Imperador caiu imediatamente. Os acompanhantes precipitavam-se sobre o Imperador que caíra. Naquele momento, um tiro furava o ombro esquerdo do tenente, precisamente o tiro que teria atravessado o coração do Imperador. Enquanto este se erguia, caía o tenente. Por todo o lado, por toda a linha da frente, soaram os estalos irregulares e desordenados das armas assustadas e arrancadas ao sono. O Imperador, impacientemente advertido pelos seus acompanhantes, ainda se curvou sobre o tenente que ali jazia e, lembrado do seu dever imperial, perguntou ao oficial desmaiado, que já não ouvia mais nada, como é que se chamava. Um médico militar, um furriel dos serviços médicos e dois soldados com uma maca vieram a correr, todos curvados e de cabeça baixa. Os oficiais do Estado-Maior atiraram primeiro o Imperador ao chão e depois lançaram-se eles próprios por terra. «Olhe, o tenente!», gritou o Imperador ao médico militar ofegante. Entretanto o tiroteio tinha acalmado novamente. E enquanto o alferes, que substituíra o tenente, se colocou perante o pelotão, e gritou: «Eu tomo o comando!», Francisco José e os acompanhantes levantaram-se, os enfermeiros amarraram com cuidado o tenente à maca, e todos se retiraram na direcção do quartel-general, onde uma tenda branca como a neve albergava o posto médico mais próximo.

A clavícula esquerda de Trotta estava esmagada. Retiraram a bala, que ficara imediatamente por baixo da omoplata esquerda, na presença do chefe supremo das forças armadas e por entre os urros inumanos do ferido, que a dor tinha acordado do desmaio. Quatro semanas depois Trotta estava curado. Quando regressou para a sua unidade, no Sul da Hungria, já tinha o posto de capitão e a mais alta de todas as condecorações: a Ordem de Maria Teresa e o título de nobreza. Chamava-se de agora em diante: capitão Joseph von Trotta von Sipolje.

Como se lhe tivessem trocado a sua própria vida por uma outra, feita numa oficina, diferente, nova, ele repetia de si para si todas as noites, antes de adormecer, e todas as manhãs, depois de acordar, a sua nova condição e o seu novo posto, punha-se em frente do espelho para se certificar de que o rosto era o mesmo de sempre. Entre a intimidade desajeitada com que os seus camaradas tentavam ultrapassar a distância que o destino incompreensível tinha estabelecido entre eles e as suas

próprias tentativas inúteis, o enobrecido capitão Trotta parecia perder o equilíbrio, e sentia que era como se tivesse sido condenado para toda a vida a andar com botas alheias em chão escorregadio, perseguido por cochichos e aguardado por temerosos olhares. O avô havia sido ainda um pequeno lavrador, o pai furriel da contabilidade, mais tarde sargento da Guarda Nacional na região fronteiriça do Sul do reino. A partir da altura em que tinha perdido um olho na luta contra os contrabandistas da Bósnia, vivia como inválido militar e guarda do parque do Palácio de Laxenburg, dava de comer aos cisnes, aparava as sebes, defendia de mãos rapaces, sem autorização, o codesso dos Alpes durante a Primavera, mais tarde o sabugueiro, e varria dos bancos beneficemente sombrios em noites amenas pares de enamorados sem tecto. Natural e adequado parecia ser o posto de simples tenente de infantaria para o filho de um furriel. Mas perante o capitão enobrecido e assinalado, que andava envolto, qual nuvem dourada, no brilho desconhecido e quase inquietante do favor imperial, o pai carnal foi de repente empurrado para longe e parecia que o amor comedido que o descendente nutria pelo velho exigia uma nova forma de relacionamento entre pai e filho. Há cinco anos que o capitão não via o pai; mas, no entanto, de quinze em quinze dias escrevia uma pequena carta ao velho quando estava de serviço, segundo uma ordem para sempre igual, na esquadra, à luz mortíca e incerta da vela do serviço, depois de ter passado revista às sentinelas, de ter registado as horas da rendição, de ter anotado na rubrica «Ocorrências especiais» um enérgico «nada» que negava toda e qualquer hipótese de ocorrências especiais. Tal como as licenças de férias e folhas de serviço, assim também as cartas se pareciam entre si, escritas em papel grosseiro e amarelado, em folhas in-octavo, com o cabeçalho «Querido Pai» à esquerda, a quatro dedos de distância da margem de cima e a dois da lateral, começando com uma curta informação do bem-estar do autor da carta, continuando com a esperança do bem-estar de quem vai receber a carta e terminando sempre com a expressão, escrita num outro parágrafo e desenhada à direita e em baixo em diagonal, em relação ao cabeçalho: «Com muito respeito, do seu filho dedicado e agradecido, Joseph Trotta, tenente.» Mas como é que agora, já que, devido ao novo posto, não participava na rotação do serviço, seria capaz de alterar a forma das cartas calculadas para toda uma vida de soldado e introduzir por entre as frases convencionais informações invulgares de comportamentos tornados invulgares, que a própria pessoa ainda mal tinha compreendido? Naquela tarde silenciosa em que, pela primeira vez após o seu restabelecimento, o capitão Trotta se sentou à mesa cheia de desenhos feitos à faca por homens que assim tentavam dissipar o tédio para cumprir a sua obrigação de manter a correspondência, ele teve consciência de que nunca mais passaria do cabeçalho «Querido Pai». E pousou a infrutífera pena no tinteiro e desfiou um bocado do pavio bruxuleante da vela, como se esperasse da sua luz calmante



uma ideia feliz e uma expressão adequada, e de mansinho perdia-se em divagações por entre recordações, infância, aldeia, mãe e escola de cadetes. Observava as sombras gigantescas, lançadas por pequenos objectos contras as paredes frias pintadas de azul e a linha cintilante e levemente curva do sabre na escápula perto da porta e, enfiada no copo do sabre, a fita escura do pescoço. Escutou a incansável chuva lá fora e o seu canto tamborilante na folha-de-flandres que cobria o peitoril da janela. E acabou por se levantar decidido a visitar o pai na semana seguinte, após a audiência de agradecimento com o Imperador, já marcada, para a qual lhe dariam ordens dentro de dias.

Passada uma semana, ele seguiu directamente da audiência, que tinha durado apenas uns escassos dez minutos, não mais do que dez minutos do favor imperial, e nesses dez ou doze minutos leram-se perguntas em autos, às quais, em porte marcial, se tinha de responder com um «sim, Majestade», como se se tivesse de dar um tiro de espingarda certo, mas suave, pois ele seguiu de fiacre para Laxenburg para ver o pai. Encontrou o velho na cozinha da sua casa de serviço, em mangas de camisa, sentado a uma mesa nua e polida onde havia um lenço azul-escuro debruado a vermelho, diante de uma grande chávena de café fumegante e bem cheiroso. A bengala nodosa, castanho-avermelhada, de madeira de cerejeira, pendia, junto à muleta, da esquina da mesa e baloiçava levemente. Uma bolsa de couro enrugada, bem cheia de tabaco fibroso estava meia aberta ao lado do cachimbo comprido de argila branca, cozida e amarelada. A cor combinava com o bigode forte, branco, do pai. O capitão Joseph von Trotta von Sipolje ficou de pé no meio desta pobre intimidade como um deus militar, com a faixa cintilante, o elmo envernizado, que espalhava uma espécie de brilho próprio, negro, como se fosse um sol, com botas de elástico bem lisas e de brilho chamejante, esporas brilhantes, duas fileiras de botões reluzentes, quase cintilantes, no casaco, e abençoado com o poder sobrenatural da Ordem de Maria Teresa. Assim ficou o filho em frente do pai, que vagarosamente se ergueu, como se quisesse compensar com a lentidão do cumprimento o brilho do jovem. O capitão Trotta beijou a mão do pai, baixou ainda mais a cabeça e recebeu um beijo na testa e outro na face. «Senta-te!», disse o velho. O capitão desfez-se de parte do seu esplendor e sentou-se. «Parabéns!», disse o pai na sua voz habitual, no alemão duro dos eslovenos de exército. Fazia explodir as consoantes como se fossem trovões e dava pouca ênfase às últimas sílabas. Ainda há cinco anos atrás ele tinha falado com o filho em esloveno, se bem que o jovem só percebesse algumas palavras e não conseguisse dizer uma única. Mas hoje deve ter parecido ao velho que o uso da língua materna seria uma intimidade demasiada para com o filho tão afastado pelo favor do destino e pela graça do Imperador, ao mesmo tempo que o capitão observava os lábios do pai, para acolher os primeiros sons de esloveno, como qualquer coisa íntima e longínqua, já perdida e fami-

liar. «Parabéns, parabéns!», continuava o sargento a trovejar. «No meu tempo, isso nunca acontecia assim tão depressa! No meu tempo ainda o Radetzky nos andava a apertar.» Acabou-se, de facto, pensou o capitão Trotta. Uma enorme montanha de cargos militares tinha afastado o pai. «Ainda tem *rajika*, senhor meu pai?», perguntou para confirmar o que ainda restava da comunidade familiar. Beberam, brindaram, voltaram a beber, após cada gole o pai gemia, perdia-se em intermináveis acessos de tosse, punha-se roxo, cuspiam, acalmava-se lentamente e começava a contar velhas histórias militares do seu tempo, com a intenção clara de desmerecer os feitos e a carreira do filho. Por fim o capitão levantou-se, beijou a mão paterna, recebeu o beijo paterno na testa e na face, pôs o sabre, enfiou o barrete de peles e saiu — com a consciência de ter visto o pai pela última vez nesta vida.

Tinha sido a última vez. O filho escreveu ao pai as costumadas cartas — não havia entre eles qualquer outra relação —, o capitão Trotta estava desligado da longa cadeia dos seus antepassados, que eram camponeses eslavos. Nascia com ele uma nova geração. Anos inteiros rolaram uns após outros com rodas pacíficas, regulares. De acordo com a sua posição, Trotta casou com a sobrinha, já não muito nova, abastada, do seu coronel, filha de um comissário distrital na Boémia ocidental, gerou um filho, gozou a regularidade da sua saudável existência militar na pequena guarnição, cavalgava todas as manhãs até à praça de armas, jogava à tarde xadrez no café com o notário, familiarizou-se com o seu posto, a sua dignidade e a sua fama. Tinha aptidões militares medianas, de que dava provas medianas, todos os anos, nas manobras, era um bom marido, desconfiava das mulheres, recriminava o jogo, era rabugento mas justo no serviço, inimigo figadal de todas as mentiras, de comportamentos menos viris, de cobardias acomodaticias, de ociosos louvores e de ambições apaixonadas. Era tão simples e irrepreensível como a sua ficha de serviço e só a cólera, que o dominava por vezes, poderia dar a perceber a um conhecedor da alma humana que também na alma do capitão Trotta se acoitavam abismos nocturnos, em que dormiam as tempestades e as vozes desconhecidas de antepassados sem nome.

Não lia livros, o capitão Trotta, e em segredo lastimava a sorte do filho que crescia e que tinha de começar a manejar o lápis de lousa, o quadro e a esponja, papel, régua e tabuada, e por quem esperavam já prontos os inevitáveis livros. Ainda estava convencido, o capitão, de que o filho teria de ser soldado. Não lhe passava pela ideia que — a partir de agora até ao desaparecimento da estirpe — um Trotta pudesse exercer qualquer outra profissão. Se tivesse tido dois, três, quatro filhos — mas a mulher era fraca, precisava de médico e de tratamentos e a gravidez punha-a em perigo de vida —, todos eles seriam soldados. Assim pensava então o capitão Trotta. Falava-se de uma nova guerra, ele estava a postos todos os dias. Sim, ele até quase tinha a certeza de que o seu destino era

tombar em batalha. A sua sólida simplicidade via a morte em campo de batalha como uma consequência necessária de fama guerreira. Até que um dia pegou com uma certa curiosidade displicente no primeiro livro de leitura do filho, que tinha acabado de fazer cinco anos e a quem um professor particular, graças à ambição materna, fazia sentir demasiado cedo as dificuldades escolares. Leu a oração da manhã em versos com rima, era a mesma desde há décadas, ele ainda se lembrava. Leu *As Quatro Estações, A Raposa e a Lebre, o Rei dos Animais*. Abriu o livro no índice e encontrou o título de um texto, que parecia ter a ver com ele, porque se chamava *Francisco José, I na Batalha de Solferino*; leu e teve de se sentar. *Na Batalha de Solferino*, assim começava o trecho, «o nosso Imperador Francisco José I correu grande perigo.» O próprio Trotta aparecia. Mas que transformação! «O Monarca», dizia-se, «tinha ousado ir tão longe na sua ânsia de combate, que de repente se viu rodeado de cavaleiros inimigos. Nesse momento de extremo perigo precipitou-se um tenente jovem num alazão coberto de suor brandindo o sabre. Ui!, como choveram os golpes sobre as cabeças e as costas dos cavaleiros inimigos!» E mais adiante: «Uma lança trespassou o peito do jovem herói, mas a maioria dos inimigos já estava destroçada. Com o punhal nu na mão, o jovem e intrépido monarca pôde defender-se facilmente dos ataques cada vez mais fracos. Toda a cavalaria inimiga foi então feita prisioneira. Mas o jovem tenente – Joseph Ritter von Trotta era o seu nome – recebeu a mais alta condecoração que a nossa pátria tem para dar aos filhos heróis: a Ordem de Maria Teresa.» O capitão Trotta foi, com o livro na mão, ao pequenino pomar atrás da casa onde a mulher se entretinha nas tardes amenas, e perguntou-lhe, com os lábios exangues, e voz muito baixa, se ela conhecia aquele texto infame. Ela fez que sim, sorrindo: «É uma mentira!», gritou o capitão e atirou com o livro para a terra molhada. «É para crianças», respondeu suavemente a mulher. O capitão voltou-lhe as costas. A cólera fustigava-o como a tempestade fustiga um arbusto frágil. Entrou rapidamente em casa, o coração batia-lhe desordenadamente. Era a hora do jogo de xadrez. Tirou o sabre da escápula, apertou o cinto com um puxão rápido e, de mau modo e a passos largos e furiosos, saiu de casa. Quem o visse podia pensar que ia matar umas boas dezenas de inimigos. Depois de, no café, sem ainda ter dito uma única palavra, ter perdido duas partidas, com quatro rugas profundas na testa pálida e estreita, por baixo do cabelo curto e forte, é que deitou a baixo com mão furibunda as peças já gastas do tabuleiro de xadrez e que disse ao parceiro; «Tenho de lhe pedir um conselho!» Pausa. «Fizeram-me uma injustiça», recomeçou ele, olhou a direito para os vidros brilhantes dos óculos do notário e passado um bocado percebeu que lhe faltavam as palavras. Ele devia ter trazido o livro. A explicação tornar-se-lhe-ia muito mais fácil com esse odioso objecto na mão. «Que injustiça?», perguntou o jurista. «Eu nunca estive na cavalaria», o capitão Trotta pensou que era

esta a melhor maneira de começar, embora ele próprio visse que assim ninguém o podia compreender. «E estes autores desavergonhados escrevem nos livros para as crianças que eu me precipitei num alazão, num alazão coberto de suor, dizem eles, para salvar o monarca, dizem eles.» O notário percebeu. Ele próprio conhecia o texto dos livros de leitura dos filhos. «Está a valorizar de mais o caso, senhor capitão», disse ele. «Pense que isto é para crianças!» Trotta olhou para ele espantado. Naquele momento pareceu-lhe que o mundo inteiro se tinha unido contra ele: os autores do livro de leitura, o notário, a mulher, o filho, o professor particular. «Todos os factos históricos», disse o notário, «são apresentados de outra maneira para o uso das escolas. Está certo, segundo a minha opinião. As crianças precisam de exemplos que compreendam, que se gravem nelas. Só mais tarde é que saberão a verdade com correcção!» – «A conta!», gritou o capitão e levantou-se. Foi ao quartel, surpreendeu o oficial de serviço, tenente Amerling, com uma rapariga no gabinete do furriel da contabilidade, foi ele próprio passar uma revista às sentinelas, mandou chamar o segundo-sargento, convocou o furriel para prestar informações, mandou formar a companhia e ordenou que se fizessem exercícios de tiro no pátio. Perplexos e a tremer eles obedeciam. Faltavam alguns homens em cada fila, ninguém os tinha conseguido encontrar. O capitão Trotta ordenou que lessem os nomes. «Os ausentes amanhã ao meu gabinete!», disse ele ao tenente. Ofegantes, os homens da companhia faziam os exercícios de tiro. Estalavam as varetas das espingardas, voavam as correias, as mãos quentes batiam ruidosamente nos canos metálicos, frios, das armas, as coronhas fortes das espingardas batiam no chão macio e surdo. «Carregar!», comandava o capitão. O ar tremia com o cavo rebentar dos cartuchos cegos. «Exercícios de continência durante meia-hora!», comandava o capitão. Dez minutos depois dava nova ordem. «Ajoelhar para a oração!» Escutava, calmo, o ruído surdo dos joelhos duros sobre a terra, o cascalho, a areia. Ainda era o capitão, o senhor da sua companhia. Ainda havia de o mostrar a esses autores.

Não foi à messe, não comeu uma única vez, deitou-se para dormir. Teve um sono pesado e sem sonhos. Na manhã seguinte, na reunião para despacho, apresentou, de modo conciso e sonoro, a sua queixa perante o coronel. Ela seguiu. E começou então o martírio do capitão Joseph von Trotta, cavaleiro de Sipolje, o cavaleiro da verdade. Levou semanas a chegar a resposta do Ministério da Guerra, dizendo que a queixa devia ser dirigida ao Ministério da Instrução Pública e da Educação. E de novo levou semanas a chegar um belo dia a resposta do ministro. Era a seguinte:

*Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Capitão:*

*Em resposta à ilustríssima queixa de Vossa Excelência, referente ao texto n.º 15 dos livros de leitura aprovados para as escolas primárias oficiais austríacas, de*

*acordo com a Lei de 21 de Julho de 1864, elaborado e editado pelos professores Weidner e Srdeny, o Senhor Ministro da Educação permite-se mui respeitosamente chamar a atenção de Vossa Excelência para o facto de que os textos de significado histórico, especialmente aqueles que se relacionam com Sua Majestade o Imperador Francisco José mais pessoalmente, como também com outros membros da Ilustríssima Família Real, segundo o Decreto de 21 de Março de 1840, devem corresponder à capacidade de compreensão dos alunos e devem servir, tanto quanto possível, os objectivos pedagógicos. Como já foi dito, o texto n.º 15 citado na ilustre queixa de Vossa Excelência foi submetido à apreciação pessoal de Sua Excelência o Ministro da Educação, que deu a sua autorização para uso escolar. É intenção dos responsáveis pela educação a todos os níveis apresentar aos alunos do Reino os factos históricos do nosso Exército de acordo com o carácter infantil, a imaginação e os sentimentos patrióticos das gerações em crescimento, sem modificar a veracidade dos acontecimentos relatados, mas também sem os reproduzir em tom seco, alheio a todo o vislumbre de imaginação e sentimentos patrióticos. Devido a estas e outras considerações do mesmo teor, solicita o signatário mui respeitosamente a Vossa Excelência se digne retirar a queixa.*

Este texto vinha assinado pelo ministro da Instrução Pública e da Educação. O coronel entregou-o ao capitão Trotta com estas palavras paternas: «Esqueça a história!»

Trotta recebeu e calou-se. Uma semana mais tarde tentou obter uma audiência de Sua Majestade pelas vias legais, e passadas três semanas estava ele, de manhã, no palácio, frente a frente com o seu chefe supremo.

«Veja bem, amigo Trotta!», disse o Imperador. «A questão é bastante desagradável. Mas não saímos mal dela! Esqueça a história!»

«Majestade», respondeu o capitão, «é mentira!»

«Vai-se mentir muito», confirmou o Imperador.

«Eu não posso, Majestade», disse, com dificuldade, o capitão.

O Imperador aproximou-se do capitão. O monarca era pouco mais alto do que Trotta. Olharam-se de frente, olhos nos olhos.

«Os meus ministros», começou Francisco José, «devem saber o que estão a fazer. Eu tenho de confiar neles. Percebe, meu caro capitão Trotta?» E passado um bocado: «Vamos resolver o caso. Vai ver!» A audiência tinha terminado. O pai ainda vivia, mas Trotta não seguiu para Laxenburg. Voltou para a guarnição e pediu a demissão do Exército.

Saiu como major. Mudou-se para a Boémia, para a pequena propriedade do sogro. O favor imperial não o abandonou. Algumas semanas volvidas recebeu a comunicação de que o Imperador se tinha dignado conceder, do seu cofre particular, cinco mil florins para a educação do filho do homem que lhe salvou a vida. Ao mesmo tempo Trotta era elevado à baronia.

Joseph Trotta, barão de Sipolje, recebeu a graça imperial de mau humor, como se fosse uma ofensa. A campanha contra os Prussianos fora

feita sem ele e fora perdida. Ele azedava. As fontes já se lhe tinham prateado, os olhos embaciado, o passo tornara-se mais lento, a mão pesada, a boca mais calada do que antes. Embora estivesse ainda na força da vida, ele parecia envelhecer rapidamente. Tinham-no expulsado do paraíso da crença simples no Imperador e na virtude, na verdade e no direito, e amarrado na resignação e no silêncio, e ele bem reconhecia que a esperteza consolidava a estabilidade do mundo, a força das leis e o brilho das majestades. Graças ao desejo oportunamente manifestado pelo Imperador, o texto número quinze desapareceu dos livros de leitura do reino. O nome Trotta permaneceu exclusivamente nos anais secretos do regimento. O major viveu a partir de então como o portador desconhecido de uma fama precocemente desaparecida, semelhante a uma sombra fugidia, que um objecto escondido em segredo projecta para o claro mundo dos vivos. Na quinta do sogro, maneja o regador e a tesoura de podar, e tal como o pai no parque no Palácio de Laxenburg o barão aparava as sebes e cortava a relva, defendia de mãos rapaces, sem autorização, o codesso dos Alpes durante a Primavera, mais tarde o sabugueiro, substituíra ripas de gradeamentos apodrecidos por outras novas e bem aplainadas, arrumava as alfaias e os vasos, punha o freio e a sela aos cavalos baios sozinho, renovava os fechos com ferrugem nas portas e no portão, punha com cuidado bocadinhos de madeira bem talhados entre os gonzos já velhos que descaíam, ficava dias inteiros na floresta, caçava pequenos animais, pernoitava em casa do guarda-florestal, preocupava-se com galinhas, estrume e colheitas, fruta e trepadeiras em flor, criados e cocheiros. Sovina e desconfiado, fazia ele próprio as compras, tirava, com os dedos compridos, moedas de um saquinho de couro felpudo e voltava a escondê-lo no peito. Transformou-se num pequeno camponês esloveno. Por vezes, ainda a velha cólera o acometia e então açoitava-o como a tempestade açoita um arbusto frágil. Batia no criado e nos flancos do cavalo, atirava com as portas de encontro aos fechos que ele próprio tinha arranjado, ameaçava de morte e extermínio os jornaleiros, afastava de si de mau modo o prato do almoço, jejuava e resmungava. Perto dele viviam, frágeis e doentes, a mulher, em quartos separados, o rapaz, que o pai só via à mesa e cujas notas lhe eram entregues duas vezes por ano, sem que elas alguma vez tivessem suscitado dele louvor ou censura, o sogro, que alegremente esbanjava a pensão que tinha, que passava semanas na cidade e que receava o genro. O barão de Trotta era um pequeno, velho camponês esloveno. Continuava sempre a escrever duas vezes por mês uma carta ao pai, altas horas da noite, à luz trémula de uma vela, em papel amarelado in-octavo, quatro dedos de margem superior, dois dedos de margem lateral, o cabeçalho: «Querido Pai.» Muito raras vezes recebia resposta.

O barão bem pensava muitas vezes em ir visitar o pai. Há muito que tinha saudades do guarda, daquela mísera pobreza, do tabaco desfiado



e da *rakija* que ele próprio torrava. Mas o filho evitava tanto as despesas como o pai, o avô e o bisavô as teriam evitado.

Estava agora de novo mais perto do inválido no Palácio de Laxenburg do que há anos atrás, quando envolto no brilho ainda fresco da sua nova nobreza se tinha sentado na cozinha pintada de azul da pequenina casa de serviço e bebido *rakija*. Com a mulher nunca ele falava das suas origens. Sentia que uma altivez embaraçosa iria separar a filha de uma estirpe de funcionários mais antiga de um simples guarda esloveno. Por isso também nunca convidava o pai. Uma vez, num claro dia de Março, pisava o barão a dura leiva a caminho do caseiro, quando um criado lhe trouxe uma carta da Administração do Palácio de Laxenburg. O inválido tinha falecido, havia adormecido sem dor com a idade de oitenta e um anos. O barão de Trotta disse apenas: «Vai ter com a senhora baronesa, diz-lhe que me apronte a mala, sigo hoje à noite para Viena!» Continuou o caminho para a residência do caseiro, informou-se sobre a sementeira, falou do tempo, deu a indicação de encomendar três novos arados, de mandar chamar o veterinário na segunda-feira e a parteira ainda hoje para a criada grávida, disse ao despedir-se: «O meu pai morreu hoje. Vou estar três dias em Viena!», fez, com um dedo displicente, uma saudação, e foi-se embora.

A mala estava pronta, amarraram os cavalos à carruagem, era uma hora de viagem até à estação. Comeu à pressa a sopa e a carne. Disse então à mulher: «Não posso mais! O meu pai era um bom homem. Nunca o conhecestes!» Era um elogio fúnebre? Uma lamentação? «Tu vens comigo!», disse ele para o filho aterrorizado. A mulher levantou-se para ir arranjar as coisas do rapaz. Enquanto ela estava ocupada no andar superior, Trotta disse ao pequeno: «Vais ver o teu avô.» O rapaz tremeu e baixou os olhos.

O sargento estava no caixão quando eles chegaram. Jazia na urna com o forte bigode eriçado, guardado por oito velas de um metro de altura e por dois camaradas dos inválidos, com o uniforme azul-escuro e três medalhas brilhantes no peito, numa essa montada na sala da casa. Uma irmã ursulina rezava a um canto perto da janela com as cortinas corridas, única no quarto. Os inválidos fizeram a continência quando Trotta entrou. Ele trazia o uniforme de major com a Ordem de Maria Teresa, ajoelhou-se, o filho caiu igualmente de joelhos aos pés do morto, as fortes solas das botas do cadáver mesmo em frente da cara do rapaz. O barão de Trotta sentiu pela primeira vez na vida uma dor estreita e aguda na zona do coração. Mantinha secos os olhos pequeninos. Rezou em voz baixa um, dois, três padre-nossos, claro que apenas por uma questão de perplexidade piedosa, baixou o forte bigode, acenou então para os inválidos e disse ao filho:

«Anda!»

«Viste-o?», perguntou ele lá fora.

«Sim», disse o rapaz.

«Era apenas sargento na Guarda Nacional», disse o pai, «eu salvei a vida do Imperador na batalha de Solferino — e foi assim que recebemos a baronia.»

O rapaz não disse nada. Enterraram o inválido no pequeno cemitério de Laxenburg, no sector militar. Seis camaradas de azul-escuro levaram o caixão da capela até ao túmulo. O major Trotta, com gorro de peles e uniforme de gala, manteve sempre uma mão sobre o ombro do filho. O rapaz soluçava. A música triste da banda militar, o canto dolente e monótono dos prelados, que se ouvia sempre que a banda fazia uma pausa, o incenso que pairava levemente, provocaram no jovem uma dor incompreensível e sufocante. E as salvas de armas, que um meio pelotão disparou por sobre o túmulo, abalaram-no com a sua inexorabilidade que ecoava por muito tempo. Disparavam-se saudações militares à alma do morto, que seguia directamente para o céu, desaparecendo para todo o sempre deste mundo. Pai e filho regressaram. No caminho, durante todo o tempo, o barão manteve-se em silêncio. Só quando saíram do comboio e entraram para a carruagem que os esperava no jardim atrás da estação é que disse o major: «Nunca esqueças o teu avô!»

E o barão voltou novamente à sua faina diária. E os anos passaram como rodas pacíficas, regulares, silenciosas. O guarda não foi o último cadáver que o barão teve de acompanhar. Enterrou primeiro o sogro, alguns anos mais tarde a mulher, que morrera rapidamente, resignadamente, sem se despedir, com uma grave pneumonia. Mandou o filho para um internato em Viena e providenciou no sentido de que o rapaz nunca viesse a pertencer ao quadro do Exército. Ficou sozinho na quinta, na casa branca e espaçosa, pela qual ainda andava a respiração dos mortos, só falava com o guarda-florestal, com o caseiro, com o criado e com o cocheiro. Os acessos de cólera eram cada vez mais raros. Mas a criadagem sentia permanentemente o seu pulso rude, e o seu silêncio carregado de cólera pesava como um jugo difícil de suportar sobre os ombros das pessoas. Diante dele formava-se o silêncio temível que antecede as tempestades. Duas vezes por mês recebia cartas submissas do filho, uma vez por mês respondia em dois curtos parágrafos em pequenas e económicas tiras de papel que eram as margens respeitadas que rasgava das cartas do filho. Uma vez por ano, a 18 de Agosto, dia de aniversário do Imperador, ia de uniforme à cidade da guarnição mais próxima. Duas vezes por ano, vinha o filho de visita, nas férias do Natal e do Verão. Todas as noites de Natal o rapaz recebia três sólidos florins de prata, pelos quais ele tinha de passar um recibo e que nunca podia levar consigo. Os florins iam nessa mesma noite para uma caixa na gaveta do velho. Ao lado dos florins estavam as notas da escola. Falavam da aplicação ordeira do filho e da sua capacidade moderada mas sempre suficiente. O rapaz nunca recebeu um brinquedo, nunca teve semanada, nunca teve um livro a não



ser os livros de estudo obrigatórios. Parecia que não sentia a falta de nada. Tinha uma inteligência digna, sóbria, limpa. A sua escassa imaginação não lhe proporcionava outro desejo que não fosse o de passar o mais depressa possível os anos de estudo.

Tinha dezoito anos quando o pai, numa noite de Natal, lhe disse: «Este ano não vais receber os três florins! Podes tirar nove florins da caixa contra recibo. Gasta oito com as raparigas! A maior parte delas é doente!», e depois de uma pausa: «Decidi que vais estudar Direito. Até lá ainda tens dois anos. Há tempo para o serviço militar. Pode-se adiar até acabares.»

O rapaz pegou nos nove florins com a obediência que o pai desejava. Andava pouco com raparigas, escolhia-as com cuidado e ainda tinha seis florins quando voltou a casa nas férias do Verão. Pediu ao pai licença para convidar um amigo. «Sim», disse o major um pouco admirado. O amigo veio com pouca bagagem, mas com uma grande caixa de tintas que não agradou ao dono da casa. «Ele pinta?», perguntou o velho. «Muito bem», disse Franz, o filho. «Ele que não me venha sujar a casa! Que pinte a paisagem!» O amigo pintava, de facto, lá fora, mas não pintava paisagens. Fazia, de memória, retratos do barão de Trotta. Todos os dias à mesa decorava os traços do seu anfitrião. «Porque é que ele me fixa daquela maneira?», perguntou o barão. Os dois jovens coravam e baixavam os olhos para a toalha. Mas o retrato ficou entretanto pronto e, emoldurado, foi entregue ao velho à despedida. Ele estudou-o pensativo e sorridente. Virou-o de costas como se procurasse novos pormenores no outro lado, que tivessem escapado no lado da frente, pô-lo contra a janela, depois afastou-o da vista, olhou-se com atenção ao espelho, comparou-se com o retrato e disse finalmente: «Onde é que deve ficar pendurado?» Tinha sido, desde há muitos anos, a sua primeira alegria. «Podes emprestar dinheiro ao teu amigo, se ele precisar», disse ele baixinho a Franz. «Sejam amigos!» O retrato foi, e seria, o único que jamais alguém fez do velho Trotta. Ficou mais tarde na sala do filho e ocupava ainda a imaginação do neto.

Entretanto o major manteve-se durante algumas semanas numa disposição singular. Pendurava-o ora numa, ora noutra parede, contemplava com muito agrado o nariz duro e saliente, a boca estreita, pálida e sem bigode, as maçãs do rosto magras, que pareciam colinas em frente dos olhos pequenos e negros, e a testa estreita, cheia de rugas, encimada pelo, cabelo hirsuto e eriçado. Só agora conhecia o seu rosto, dialogava agora por vezes com ele sem precisar de palavras. Despertou nele pensamentos que nunca conhecera, recordações, sombras de saudade inconcebíveis, que depressa desapareciam. Teve necessidade do quadro para sentir a sua precoce velhice e a sua grande solidão, da tela pintada corriam ao seu encontro a solidão e a velhice. Fui sempre assim?, perguntava ele de si para si. Fui sempre assim?

Sem qualquer intenção, ia de vez em quando ao cemitério, ao túmulo da mulher, contemplava o pedestal cinzento e a cruz branca, a data de nascimento e o dia da morte, calculava que ela tinha morrido cedo de mais, e confessava que não se recordava muito bem dela. Por exemplo, tinha-se esquecido das mãos dela. «Vinho de ferro da China» vinha-lhe ao pensamento, um remédio que ela havia tomado durante anos. A cara dela? Ainda a podia evocar de olhos fechados, mas logo ela desaparecia e se desvanecia numa penumbra circular, avermelhada. Tornou-se afável em casa e na quinta, acariciava por vezes um cavalo, sorria para as vacas, bebia aguardente mais frequentemente do que até então, e um dia escreveu ao filho uma cartinha fora dos prazos habituais. Começaram a cumprimentá-lo com um sorriso, ele respondia de bom grado com um aceno de cabeça. Chegou o Verão, as férias trouxeram o filho e o amigo, o velho foi com os dois à cidade, entrou numa cervejaria, bebeu uns goles de *sliwowitz* e mandou vir ótima comida para os jovens.

O filho fez-se jurista, vinha mais vezes a casa, andava pela quinta, sentiu um dia o desejo de administrar e de abandonar a carreira de jurista. Confessou isso ao pai. O major disse: «É tarde de mais! Não vais ser lavrador nem estalajadeiro! Vais ser um funcionário eficiente, nada mais!» Era assunto decidido. O filho fez-se funcionário político, comissário regional da Silésia. Embora o nome Trotta tivesse desaparecido dos livros escolares adoptados, não havia desaparecido dos autos secretos das altas autoridades políticas, e os cinco mil florins, doados pelo favor imperial, asseguravam ao funcionário Trotta uma constante e benevolente admiração e a promoção a altos e desconhecidos cargos. Ele avançou rapidamente. O major morreu dois anos antes da sua nomeação para comissário distrital. Deixou um testamento surpreendente. Como tinha a certeza — assim escreveu ele — de que o filho nunca viria a ser um bom agricultor, e como esperava que os Trottas, em agradecimento ao Imperador pelo seu favor, constantemente subiriam em dignidade e posição como funcionários do Estado e poderiam ser mais felizes do que ele, o signatário do testamento decidiu, em memória do seu falecido pai, legar ao fundo dos inválidos militares a quinta que tinha herdado de seu sogro há alguns anos, com todos os móveis e imóveis que ela continha, contra o que nada mais exigia dos testamentários do que fazerem-lhe um enterro o mais modesto possível no cemitério em que se encontrava o seu pai, e, no caso de ser fácil, perto do falecido. Ele, que fazia o testamento, pedia que evitassem todas as pompas. O dinheiro existente, quinze mil florins mais os juros depositados no Banco Ephrussi, em Viena, e todo o resto, o dinheiro que se encontrava em casa, as pratas e os cobres, tal como o anel, o relógio e a corrente de sua santa mãe pertenceriam ao seu único filho barão Franz von Trotta von Sipolje.

Uma banda militar de Viena, uma companhia de infantaria, um representante dos Cavaleiros da Ordem de Maria Teresa, representantes do

regimento do Sul da Hungria, que tinham o major como seu discreto herói, todos os inválidos militares que podiam marchar, dois funcionários da Chancelaria do Gabinete e do Palácio, um oficial do gabinete militar com a Ordem de Maria Teresa numa almofada orlada de negro: toda esta gente formava o cortejo fúnebre oficial. Franz, o filho, ia de preto, magro e só. A banda tocou a marcha que tinha tocado aquando do funeral do avô. As salvas que desta vez dispararam eram mais fortes e ecoaram por mais tempo.

O filho não chorou. Ninguém chorou pelo morto. Todos permaneceram secos e solenes. Ninguém falou junto à sepultura. Perto do guarda da Guarda Nacional jazia o major barão Joseph von Trotta von Sipolje, cavaleiro de verdade. Colocaram-lhe uma laje militar simples, na qual estava gravado em pequenas letras negras, com o nome, o posto e o regimento, o orgulhoso cognome: *o Herói de Solferino*. Pouco mais ficou do morto do que a laje, uma fama desaparecida e o retrato. Assim também passa um camponês pelos campos na Primavera — e mais tarde no Verão — e o vestígio dos seus passos é apagado pela bênção do trigo que ele semeou. Trotta von Sipolje, alto-comissário do Império e do Reino, ainda recebeu nessa mesma semana uma carta de condolências de Sua Majestade, em que se mencionava por duas vezes «os serviços nunca esquecidos» do falecido.